

## EDUCAÇÃO E IDENTIDADE EM *REVISTA*

Evelyn Morgan Monteiro Paiva<sup>1</sup>

**Resumo:** Compartilhamos, neste trabalho, as reflexões sobre a educação como forma de construir a identidade do estado do Rio de Janeiro, através do periódico *A Revista*. Esse circulou em Niterói, capital do estado à época, entre os anos de 1919 e 1923 e demonstrou o interesse dos intelectuais fluminenses em destacar a posição de seu modernismo nos debates que pensavam a nação no início do século XX. *A Revista* promoveu um intenso discurso de valorização da educação como elemento fundamental ao progresso e a identidade de um estado que se queria moderno.

**Palavras-chave:** *A Revista*, Intelectuais, Identidade Fluminense, Educação.

A crise de valores que afetou o contexto europeu depois da Primeira Guerra teve reflexos imediatos aqui. O otimismo ufanista da *belle époque* cedeu lugar a um clima de redefinições, inclusive na forma de se pensar o país. No pós-guerra, o velho continente tenta se recuperar dos impactos do conflito, então como poderíamos imitar um modelo falido de organização nacional? Este momento – a década de 1920 – é de inflexão: de se pensar o Brasil de forma brasileira.

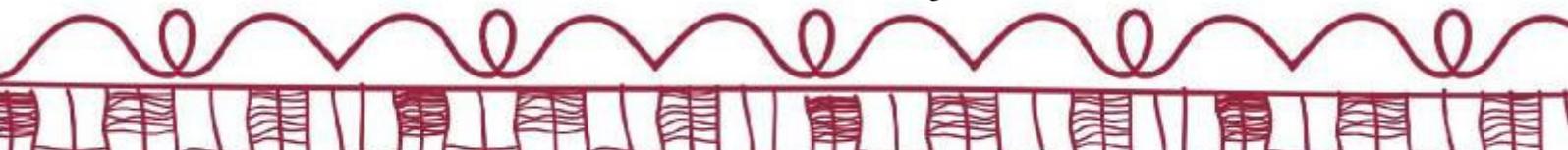
No irradiar dos primeiros anos republicanos, cujas reflexões acerca da realidade brasileira estão difusas, derivadas em movimentos de cunho nacionalista, o impacto da primeira Guerra Mundial provoca questionamentos. E serão os intelectuais brasileiros que se auto-contemplariam com a tarefa pedagógica de traçar possíveis caminhos para a construção de nossa nacionalidade. Colocar-se-iam a refletir o país, a propor soluções para uma nação que precisava de uma identidade. O tema do nacionalismo está nas fileiras do momento, pois a palavra de ordem é criar a nação.<sup>2</sup>

A guerra de 1914 traz à tona um novo período de incertezas e de rompimento da dependência cultural. Nesse sentido, os padrões intelectuais brasileiros seriam revisados, tornando-se urgente a necessidade de pensar o Brasil. A literatura passa a ser um instrumento para estes intelectuais.<sup>3</sup> Os textos da *belle époque* perdiam espaço para

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-graduação em História, Política e Bens culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC - FGV). evelynmorgan@gmail.com.

<sup>2</sup> Lúcia Lippi Oliveira. **A questão nacional na primeira república**. Brasiliense São Paulo: 1990. Ver também Flora Süssekind. *Cenas de Fundação*. In: Fabris, Anateresa (org). **Modernidade e Modernismo no Brasil**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1994.

<sup>3</sup> Cif. Adriana Facina. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.



os periódicos e revistas que alocavam as questões nacionais na ordem do dia. A *Revista do Brasil*, lançada em 1916, reflete essa querela ao buscar um reexame da identidade nacional.<sup>4</sup> Segundo Mônica Velloso, verifica-se neste momento,

“uma mudança radical na forma de conceber o papel do intelectual e da literatura. A idéia corrente é a de que o intelectual deve forçosamente direcionar suas reflexões para os destinos do país, pois o momento é de luta e de engajamento, não se admitindo mais o escapismo e o intimismo. Cabe, então ao intelectual evitar os temas de cunho pessoal: ele deve deixar de falar de si mesmo para falar da nação brasileira.”<sup>5</sup>

A *Revista* é um espelho do seu tempo e surge debaixo dessa orientação. Criada na capital no estado do Rio, Niterói, circulou entre 1919 e 1923. A princípio mensal, e depois quinzenal, o periódico e seus letrados irradiavam reflexões para todo o estado, se pretendendo a uma revista literária fluminense. Seu aspecto modernista se deve ao fato de buscar o moderno, através de temas como reformas urbanas, literatura, saúde e educação. Descrever o estado do Rio como moderno significava valorizar os fluminenses diante da federação.

A consolidação do regime republicano acompanhou um processo de secundarização política e econômica do Estado do Rio, no contexto nacional. Marieta de Moraes Ferreira descreve que – devido ao destino nacional da cidade do Rio de Janeiro e da proximidade do estado com o Distrito Federal – os fluminenses não chegaram a desenvolver uma mentalidade voltada para os problemas regionais. As questões locais ficavam tradicionalmente em segundo plano.<sup>6</sup> A perda de influência fez com que os fluminenses buscassem uma regeneração do estado pelo viés da modernização e desejassem restaurar a pujança idealizada que se vivera na região enquanto velha província.

A identidade, nessa circunstância, é uma questão essencial, porque ela está em crise. A imagem do estado do Rio foi abalada, a experiência da secundarização fez com que os intelectuais de *A Revista* se voltassem para o problema da identidade. Pensamos o recurso à identidade como “um processo contínuo de redefinir-se e inventar e

---

<sup>4</sup> Ver Tânia Regina de Luca. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

<sup>5</sup> Mônica Pimenta Velloso. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, 1993, p. 89.

<sup>6</sup> Marieta de Moraes Ferreira (org.) **A República na velha Província**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1989. p. 21. Sobre esta reflexão ver, também, Marieta de Moraes Ferreira. **Em busca da Idade do Ouro**. As elites políticas fluminenses na Primeira República (1889 – 1930). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

reinventar sua própria história”<sup>7</sup>. O “reinventar-se” é inscrever os fluminenses na modernização do início do século XX e usar a história a seu favor, demonstrando sua relevância.

Os letrados contam a sua história e a do estado, transformando-as em memória. Dessa maneira, o papel da história torna-se central para a construção de uma memória, não só para evidenciar o antes e o depois, mas para ser reescrita, colocando os fluminenses no “panteão da nacionalidade”, como um estado influente nesse momento em que se tematizava a nação. Bauman conclui que “a idéia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa idéia na forma de uma tarefa a ser realizada (...).”<sup>8</sup>

A reflexão identitária fez parte da atividade intelectual. O intelectual, como manipulador de consensos, utiliza um discurso pedagógico para decantar, em seus leitores, a necessidade desse serviço a ser realizado. Ao ensinar os caminhos dessa trajetória a tarefa desses homens de letra é pedagógica e, nesse contexto, a educação fazia parte da receita de cura para os fluminenses.

“Só pode ser verdadeiramente livre o trabalhador que começa por libertar-se voluntariamente das cadeias da própria ignorância, da ausência de senso moral e dos próprios apetites pela Instrução, Ciência, pela Verdade.”(grifo original)<sup>9</sup>

A educação foi um tema constante nas páginas de *A Revista*. A busca da autêntica nacionalidade e da identidade fluminense encontrava na educação o seu par. Afinal, a instrução simbolizava o progresso e poderia livrar o país do analfabetismo, preparar seus cidadãos para a nova sociedade que se desejava construir.

É importante ressaltar que o modelo de educação proposto estaria ligado às questões que se faziam urgentes na década de 1920. Ora, se os intelectuais estavam pensando a nação, era necessário formar uma consciência nacional. Portanto a educação

---

<sup>7</sup> Zygmunt Bauman. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. p. 13.

<sup>8</sup> *Idem*. p. 17.

<sup>9</sup> Justinus. Greve e greves - pela instrução, pela ciência, pela verdade. **A Revista**. Ano II, nº 12, 1920, p. 32. O autor é provavelmente um pseudônimo, pois não jamais foi citado nas listas de colaboradores que eram publicadas no periódico, além de nunca ter escrito em outras seções. Todas as citações de *A Revista* foram corrigidas ortograficamente conforme a norma contemporânea, sem contudo modificar o sentido da mensagem, sendo, apenas, uma atualização da grafia das palavras.

Outra observação importante refere-se ao número de páginas. *A Revista* não numerava as suas laudas, portanto a numeração encontrada nas citações foi feita no momento de análise do periódico.

é antes uma educação cívica. Ainda no primeiro número, no editorial, *A Revista* já declarava que um dos seus objetivos é doutrinação pelo civismo.<sup>10</sup>

“Assim a literatura brasileira deve deixar de ser apenas um “templo da arte” para se transformar em “escola de civismo”. Para levar a efeito tal princípio, o artista precisa abandonar sua “torre de marfim” e pôr os pés na terra, que é onde se decidem os destinos humanos. Porque dotados de dons divinatorios, os intelectuais são eleitos os “legítimos depositários da civilização”, tornando-se, portanto, os mais indicados para ensinar o amor pela pátria. Nesta perspectiva, eles devem se transformar em educadores, exercendo uma função eminentemente pedagógica na sociedade.”<sup>11</sup> (grifos originais)

A educação tem, nesse momento, uma dupla função: uma progressista, de erradicar o analfabetismo; e outra cívica, ao cultivar a nacionalidade.

O contexto do pós-guerra causou impacto entre os intelectuais brasileiros, representando um campo fértil para projetos que priorizavam soluções para os grandes problemas nacionais.<sup>12</sup> A educação tornou-se peça fundamental para superar os entraves para o progresso do país e do Estado do Rio de Janeiro, “arrancando do analfabetismo milhares de crianças que se preparam para o maior orgulho do torrão fluminense”<sup>13</sup>.

O nacionalismo supervalorizou o papel da educação. A instrução objetivava uma reforma moral e intelectual do brasileiro. Dessa forma, o ensino se tornou um instrumento precioso na política de regeneração do país, que auxiliará na definição da identidade nacional.<sup>14</sup>

“(…) a escolarização era concebida como a mais eficaz alavanca da História brasileira.”<sup>15</sup> Essa frase se aplica não só a nação, mas aos seus membros. A Constituição de 1891 atribuía, aos estados da federação, a responsabilidade pelo ensino primário no Brasil. Nesse contexto, em que se queria redefinir a identidade brasileira, buscar-se-ia, também, um novo formato para o estado fluminense. Através da educação seria possível fazer uma releitura da tradição, ou seja, uma releitura da interpretação

---

<sup>10</sup> Gioconda Dolores. Editorial. *A Revista*. Ano I, nº 1. p. 2.

<sup>11</sup> Mônica Velloso (1993). *op. cit.* p. 90. Nesse trecho, a autora apropria-se de algumas palavras pronunciadas por Olavo Bilac, em seu discurso ao desembarcar da Europa em 1916.

<sup>12</sup> Cif. Nara Britto. Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.6, n. 11, 1993.

<sup>13</sup> Diretoria geral da instrução do Estado do Rio de Janeiro. *A Revista*. Ano II, nº 12, 1921. p. 58.

<sup>14</sup> Ângela de Castro Gomes. A escola republicana: entre luzes e sombras. In: Verena Alberti & outros. *A República no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CPDOC, 2002.

<sup>15</sup> Jorge Nagle. *Educação e sociedade na primeira república*. São Paulo/Rio de Janeiro: EPU/Fundação Nacional de Material Escolar, 1974/1976, p. 101.

histórica, ao retirar os fluminenses do lugar de um estado menor e alçá-lo a um espaço de destaque na federação.

A centralidade do tema da educação está presente no próprio expediente da revista. Entre os seus colaboradores estão homens e mulheres ligados a educação. O redator-chefe do periódico, Dr. Armando Gonçalves, era sócio do Grêmio Literário Fluminense, inspetor da instrução pública do estado e secretário da Escola Normal. Essa era a escola mais tradicional de Niterói naquele momento, pois foi primeira instituição pública das Américas, responsável por formar educadores para o magistério da instrução primária.<sup>16</sup>

A Escola Normal e a Associação Fluminense de Letras (AFL) eram *locus* de sociabilidade intelectual do estado. As interfaces entre os homens de letras de *A Revista*, a AFL e a Escola Normal se estabeleceram não só pelo compartilhar de idéias sobre as perspectivas para o Estado do Rio, mas também fisicamente. O prédio da Escola Normal serviu de sede para AFL até sua instalação definitiva, por exemplo. Essa integração fez com que a Escola fosse tema comum do periódico, aparecendo de diferentes formas. Afinal, a educação é uma bandeira tão cara neste momento que educar os futuros educadores é tarefa sobremaneira importante.

As matérias que versavam sobre educação estavam distribuídas pelo periódico em notas ou artigos destinados ao tema. No Editorial *30 dias*, por exemplo, que narrava sobre os assuntos relevantes de cada mês, era comum observamos elogios e críticas a educação no estado, onde “o ensino decresce. O saber decresce: só uma coisa cresce desassombadamente: a ignorância”<sup>17</sup>. Havia cobranças aos políticos e, quando vislumbrava-se melhorias educacionais, louros eram jogados aos mesmos. Apesar disso, não existia uma seção específica para o tema da educação, esse estava diluído, presente ao longo das páginas. Os artigos, em sua maioria, traçavam uma perspectiva otimista para educação como forma de alavancar o estado do Rio como um exemplo para o país.

Era o Dr. Armando Gonçalves era quem escrevia intensamente sobre as temáticas relacionadas ao ensino. Em seus artigos, observamos um elogio constante à estrutura educacional do estado do Rio, sendo isso um indício de sua grandeza, da

---

<sup>16</sup> Claudia Maria Costa Alves; Heloísa Villela. Niterói Educação - histórias a serem escritas. In: Ismênia de Lima Martins; Paulo Knauss (Orgs). **Cidade Múltipla**. Temas de História de Niterói. Niterói, Rio de Janeiro: Niterói Livros, 1997.

<sup>17</sup> Gioconda Dolores, provavelmente um pseudônimo, para um(a) redator(a) de *A Revista*, narra sobre o período de exames finais nas escolas e critica os “diplomados por decreto”, que se formam sem a cultura necessária. Gioconda Dolores. Editorial. **A Revista**. Ano I, nº 7. p. 3.

identidade de seu povo. Eram publicadas notas sobre a educação primária, secundária, técnica e superior. Todavia, será o ensino primário – representado pelos grupos escolares – e a educação secundária – através da Escola Normal – os dois assuntos que mais apareceriam nas páginas do periódico.

A avaliação do ensino fluminense também era feita mediante a situação dos grupos escolares de cada município. Armando Gonçalves, como inspetor da instrução pública do estado, realizou uma série de viagens e incursões ao interior fluminense, que derivou em um grupo de publicações e artigos de *A Revista* – especialmente no segundo ano (1920) – que desejavam montar um panorama sobre a educação no estado<sup>18</sup>.

“A Revista fugiria ao ponto primordial de seu programa se não destinasse uma de suas páginas a instrução popular.

Iniciamos animados pelos sensíveis progressos que, atualmente, se evidenciam, quer no ensino primário, quer no secundário do nosso Estado.

As Escolas complementares, regidas por educadoras de reconhecido mérito e as elementares, sob os cuidados dos verdadeiros apóstolos da instrução, vão espalhando as almas ávidas de saber o **ensino**, que lhes proporciona o **único meio de se tornarem úteis a pátria**.

O Estado do Rio está em [*sic*] o número dos que não se podem queixar pela deficiência de Escolas; o analfabetismo vai tendo felizmente um combate seguro e proveitoso. (...) Quanto ao ensino secundário dispõe o Estado do Rio de Escolas Normais e Liceus, que possuem corporação docente capaz de desenvolver com precisão os seus programas complexos.

O ensino particular é distinguido por um número bem avultado de colégios, que atendem perfeitamente as exigências dos cursos preparatórios.

O ensino profissional, que se inicia, já é uma promessa com a qual devemos contar em proveito da índole de **nosso povo igualmente empreendedor e laborioso**.

A Escola Profissional Visdende[*sic*] de Moraes é o exemplo do quanto pode fazer o ensino profissional em nosso meio.

O próprio ensino superior já vai sentindo: possuímos faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia regularmente freqüentadas.

É portanto com imenso júbilo que registramos, nas páginas da *A Revista*, esse momento salutar **em prol do nosso engrandecimento**.”<sup>19</sup> (grifos meus)

O fragmento demonstra a importância da educação na releitura na história fluminense.<sup>20</sup> Os intelectuais de *A Revista* mostravam um estado do Rio de Janeiro modernizado, cujo indício era comprovado através da educação, que descortinava o

<sup>18</sup> No nº 12, em abril de 1920, “Barra de São João”; “Rio Bonito, o Friburgo dos Pobres”, nº 13, de 1920; “Itaboraí” no nº 15; “Capivari”, nº 16, 1920, “Angra dos Reis” no nº 34, 1922, todos de autoria de Armando Gonçalves; “Imposto sobre o ensino”, de Bittencourt Silva, no nº 25, 1921, nesse último é relatado como a criação de um novo imposto sobre a educação iria permitir a criação de colégios no interior do estado.

<sup>19</sup> Instrução. *A Revista*. Ano I, nº 5, 1919. p. 26.

<sup>20</sup> Sobre a importância da educação no âmbito fluminense ver também: Vanessa Carvalho Nofuentes. **Construindo a nação: liga contra o analfabetismo no Estado do Rio de Janeiro (1916-1919)**. Monografia (Graduação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2005.

homem da ignorância e delineava sua identidade pelo desenvolvimento de um “processo civilizatório”<sup>21</sup>.

A modernização de *A Revista* era empírica, traduzida em fotografias, e suas páginas eram preenchidas de instantâneos que versavam sobre a educação. Não bastava relatar os avanços da educação fluminense, mas o anseio desses intelectuais era de decantar em seus leitores essa idéia. Para tal exercício, utilizavam-se de fotografias como provas da modernidade conquistada pelo estado, através da educação, e vivida por essa sociedade que mudava, acompanhando às novas tecnologias. Esse era um recurso amplamente utilizado para propagandear a educação e as melhorias do Estado do Rio de Janeiro:

“prosseguindo em nossa propaganda em prol do ensino público, no Estado do Rio Janeiro, damos hoje uma página ilustrada do Grupo Escolar Ayadano de Almeida, um dos melhores do Município de Niterói (...) A Revista espera prosseguir na reportagem fotográfica e, para isso, apela para a boa vontade dos Srs. Diretores de ‘Grupos Escolares’ que, certamente, se prontificarão a fornecer os dados necessários.”<sup>22</sup>

Apesar de o periódico tratar de temas diversos, como arte, política, comércio, ciência, cotidiano e poesia – observamos que a educação tangenciava muito desses assuntos. O que estava em pauta não é somente a escolarização, mas antes a formação do indivíduo. Ou melhor, o tracejar de uma identidade cultural para os fluminenses. Educação é antes socialização. E, para tal tarefa, muito mais do que alfabetizar, era preciso:

“Alfabetizar não é só fazer conhecer as letras do alfabeto, ler corrido, escrever e contar, mas converter um ignorante em um cidadão consciente, apto a ganhar honestamente a vida, e concorrer para o desenvolvimento do país. Para ter um objetivo, uma finalidade social e econômica a instrução primária tem que ir mais além: fazer homens prestáveis a Família, a Sociedade e a Pátria, homens morais e fisicamente fortes.”<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Cif. Norbert Elias. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

<sup>22</sup> Grupo escolar Ayadano de Almeida. **A Revista**. Ano II, nº 13, 1920. p. 6. Também podemos ver fotografias sobre os funcionários da Instrução no estado no nº 54, 1923; das meninas da Escola Normal no nº 4, 1919; dos docentes da Escola Normal no nº 8, 1919; do prédio e do diretor da Escola Normal no nº 2, 1919; das meninas do Colégio Brasil no nº 34, 1922, dentre outros.

<sup>23</sup> Guilherme Catramby. *Idem*. Ano III, nº 31, 1921. p. 29. O autor desse artigo era o atual chefe da instrução do Estado do Rio, abaixo do título estava o destaque “Especial para *A Revista*”. A cultura também era um indício para a educação. Em um artigo chamado “A Música no Brasil”, publicado em um dos últimos números de *A Revista*, diz que a educação tem uma dupla função: “O nosso problema ideal no Brasil é duplo; artístico e moral. Precisamos de uma verdadeira arquitetura musical (...)” Ver: Ithamar Tavares. *A Música no Brasil*. **A Revista**. Ano IV, nº 60, 1923. p. 15.

Nesse sentido, educar vai muito além das fronteiras do analfabetismo. E parece ser realmente a receita perfeita ao país que quer se remodelar.<sup>24</sup> No programa do nosso periódico, educação é polifônica, e dialoga com outros saberes, com os outros artigos. E nessa formação a educação começa cedo, ainda enquanto criança.

Em abril de 1920, número comemorativo ao primeiro ano de aniversário, *A Revista* amplia sua proposta de educação e atinge o público infantil. Dentro do periódico passava a circular *O Garoto*, um mensário dedicado às crianças.

A imagem da criança, em *O Garoto*, não era de um adulto em menores proporções, mas de leitores particulares, com um universo próprio. Isso fica claro, no apelo visual e do texto, que priorizava o lúdico. *O Garoto*, na verdade, acompanha uma tendência, ainda lenta, deste início do século XX de um novo olhar sobre os infantes. Esse movimento que caminha junto com as reflexões pedagógicas, procura particularizar a infância, ao negar o trabalho infantil, ao valorizar as brincadeiras e linguagens específicas como parte do desenvolvimento da criança, ao produzir uma literatura dedicada aos pequenos.<sup>25</sup>

*O Garoto* está afinado com esse movimento das letras infantis<sup>26</sup> e busca aliar a diversão com a educação, que é antes voltada para a construção de uma nacionalidade, pautada no civismo. Sua circulação aconteceu por um ano – de abril de 1920 a abril de 1921<sup>27</sup> - e era todo pensado para os pequenos leitores, público diverso do de *A Revista*. Além disso, poderia ser vendido separadamente, avulso, pelo preço de 100\$ réis<sup>28</sup>.

---

<sup>24</sup> Ver Marta M. Chagas de Carvalho. **Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)**. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998. e Clarice Nunes. A escola reinventa a cidade In: Michael M. Herschumann; Carlos Albert Messeder Pereira (org.). **A invenção do Brasil Moderno. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>25</sup> Cif. Mary Del Priore. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. e Marcos Cezar de Freitas. **História social da infância no Brasil**. São Paulo Cortez Editora, 2006.

<sup>26</sup> Neste início do século XX, outros periódicos, cariocas e fluminenses, também estavam sendo publicados e pensados a partir do público infantil, vejamos alguns exemplos encontrados no acervo da Biblioteca Nacional: *Almanak da Revista Infantil* (1924), no Rio de Janeiro; *Beija-flor: revista infantil ilustrada* (1915), em Petrópolis; *O Infantil* (1912-1916), mensário que se tornou quinzenal e circulava na cidade do Rio de Janeiro; *Chantecler: semanário para grandes e pequenos* (1910); *Revista Infantil* (1921 e depois 1933); *O Tici-tico: mensário infantil* (1905-1962); além dos homônimos *O Garoto: semanário humorístico e brincalhão* (1921) e *O Garoto* (1915-1918), esses últimos também publicados na capital Rio de Janeiro.

<sup>27</sup> Os motivos de seu fim não são declarados na revista. Uma hipótese é que ele não tenha efetivamente acabado e - já que a partir de março de 1921 *O Garoto* passa a ser vendido separadamente - que seus números subsequentes tenham se perdido, pois não encontram-se nos acervos da Biblioteca Nacional.

<sup>28</sup> *A Revista* em seus primeiros anos custava 400\$ réis o exemplar, apesar de não sabermos a sua circulação. A partir de 1921 cada número custava 500\$ réis e a assinatura semestral 15\$000 e a anual 25\$000 réis. Ver Aos Nossos Leitores, **A Revista**. Ano III, nº 24, 1921. p. 18.

Os colaboradores de *O Garoto* eram filhos dos redatores ou colaboradores de *A Revista* e o seu redator-chefe – Joãozinho – era o filho do proprietário Manoel Leite Bastos. Todos tinham sua foto estampada no periódico. Além de muito divertido, *O Garoto* nos oferece uma imagem simbólica e privilegiada de nosso periódico, no estrito senso, de ser um símbolo da educação cívica proposta pela revista. Este “pequeno periódico” é revelador na medida em que propõe a construção de uma identidade aliada à idéia de nacionalidade, em que o público alvo será a criança.

Em seu primeiro número ganha destaque um conto chamado “Uma festa cívica”, de Tônico:

“Vínhamos de uma festa cívica.

A mamã trazia ao colo a maninha que dormia a sono solto.

Eu, ainda acordado, conversava com o papá. Lembro-me que ele dizia entusiasmado, batendo mansamente em minha cabecinha loura: Meu Filhinho. Aquele homem que falou sobre o ‘Brasil’, que elevou os brasileiros, foi meu amigo de infância. Eu era de tua idade e ele era como tu. Brincávamos nas Alamedas do Palácio de meu pai e sempre notei em meu amigo uma alma nobre, um verdadeiro patriota. Que felicidade não sentiria seu pai em, amanhã quando velhinho, ouvir alguém dizer o mesmo de ti. Ouviste as palavras do grande amigo de nossa Pátria, sentiste o que lhe exaltou o coração? Pois bem que a tua alma se forme ao exemplo daquele distinto brasileiro.

As palavras de papá me animaram de tal maneira que jurei prezar muito este Brasil, que entusiasma os oradores e forma os verdadeiros patriotas.”<sup>29</sup>

O texto oferece indícios de como os fluminenses estavam reunindo possibilidades, fatores para a elaboração da nacionalidade. Ou seja, o periódico é relevante na medida em que narra o potencial do estado do Rio para a formação do conceito de pátria. A década de 1920 é emblemática por suas iniciativas de repensar o país, os fluminenses estão buscando o seu espaço nestas discussões, ao esquadrihar uma identidade de um estado modernizado, nacionalista, em que educação é sinônimo de progresso.

A educação remonta à história intelectual de uma sociedade, por isso sua centralidade.<sup>30</sup> Podemos observar que em *A Revista* esta centralidade é fundamental pelo caráter multifacetado que a educação adquiri. Mais que instrução, isso é cidadania; cultura, através da música e das artes; civismo; moral; um caminho para identidade; progresso de um estado moderno.

---

<sup>29</sup> Uma festa cívica. *Idem*. p. 99, 1920. No nº 3, de 1920, temos outro conto patriótico “O Desertor”; no nº4, também em 1920, “Uma Palestra”, que ressalta as qualidades do Brasil.

<sup>30</sup> Ver Helena Bomeny. **Os intelectuais da educação**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2000.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena; GOMES, Ângela; PANDOLFI, Dulce. **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, CPDOC, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOMENY, Helena. **Os intelectuais da educação**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2000.

BRITTO, Nara. Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 1993, vol.6, n. 11.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FABRIS, Anateresa (org). **Modernidade e modernismo no Brasil**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1994.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **A república na Velha Província. Rio de Janeiro**: Rio Fundo, 1989.

\_\_\_\_\_. **Em busca da Idade do Ouro**. As elites políticas fluminenses na Primeira República (1889 – 1930). Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.

MARTINS, Ismênia de Lima; KNAUSS, Paulo (Orgs). **Cidade Múltipla**. Temas de História de Niterói. Niterói, Rio de Janeiro: Niterói Livros, 1997

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. São Paulo/Rio de Janeiro: EPU/Fundação Nacional de Material Escolar, 1974/1976.

NOFUENTES, Vanessa Carvalho. **Construindo a nação: liga contra o analfabetismo no Estado do Rio de Janeiro (1916-1919)**. Monografia (Graduação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2005.

NUNES, Clarice. A escola reinventa a cidade. In: HERSCHUMANN, Michael M.; PEREIRA, Carlos Albert Messeder (org.). **A invenção do Brasil Moderno**. Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A questão nacional na primeira república**. Brasiliense São Paulo: 1990.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília Neves de Almeida (orgs.). **O Brasil Republicano**. O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Volume 1.

\_\_\_\_\_. A literatura como espelho da nação. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Vértice, 1988, nº 2.

\_\_\_\_\_. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: 1993, nº 11.